

Sustentabilidade é «sexy»

Afinal a **responsabilidade social** conta quando o consumidor escolhe onde pôr o seu dinheiro

De que forma estão os consumidores dispostos a investir em produtos financeiros sustentáveis, mesmo que tenham que pagar mais? E o que podem fazer os bancos e seguradoras para expandir a sua oferta? Este foi o desafio lançado por Sofia Santos e Rita Almeida quando decidiram desenvolver um trabalho sobre sustentabilidade financeira em Portugal.

Especialistas em sustentabilidade empresarial e sócias na empresa de consultoria Sustentare, Rita e Sofia explicam que em Portugal se está perante um período de transição muito importante. "É óbvio que as respostas se encontram ao nível das intenções mas são significativas", afirma Sofia Santos.

Entre as conclusões já disponíveis — e que dizem respeito a um universo de consumidores com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos — conclui-se que a maioria dos portugueses está cada vez mais sensível à questão da sustentabilidade ambiental, pelo menos na óptica das intenções. No início de Agosto estará pronta a segunda fase do estudo que conta com um inquérito a todos os bancos e seguradoras a operar em Portugal, e em Setembro sairão as conclusões finais. No que toca à actuação dos bancos, 52% dos portugueses afirmam que o facto de um banco ter preocupações ambientais,

NÚMEROS

71%

da população estaria disposta a comprar um carro híbrido (que emite menos dióxido de carbono), se o empréstimo fosse mais barato, do que comprando um outro carro, e 70% estaria disposta a procurar uma casa que tivesse painéis solares e eficiente do ponto de vista energético se um banco lhe oferecesse um «spread» mais atractivo

52%

da população estaria disposta a pagar um empréstimo por mês com uma mensalidade 5% mais cara se o banco desenvolvesse produtos financeiros em prol da preservação do ambiente

pode ser decisivo para escolher essa instituição e não outra. 69% mudaria de banco caso soubesse que o seu banco presta dinheiro a empresas que fabricam armamento, tabaco e desenvolvem actividades associadas ao jogo e pornografia e 51% dão mesmo uma certeza: escolheria um banco que lhe desse garantias de que não empresta dinheiro a empresas que danificam o ambiente.

Em relação aos produtos financeiros o nível de intenções é paralelo. Dos que investem em fundos de investimento — 22% da população — mais de metade, cerca de 13% dos portugueses gostariam de ter mais informação sobre fundos socialmente responsáveis (que investem em empresas com preocupações ambientais e sociais). Já 18% dos portugueses que investem em fundos confessam estar disponíveis para investir em fundos sustentáveis em detrimento de outros. O mais surpreendente é mesmo o facto de 17% dos investidores financeiros responderem que optariam por investir em fundos sustentáveis mesmo que estes registassem uma rentabilidade ligeiramente inferior à dos outros.

A amostra contou com 1200 entrevistas feitas pelo centro de sondagens da Universidade Católica e o grau de confiança é de 97%. O estudo é da Sustentare em parceria com a Associação

Portuguesa de Bancos e a Fundação Luso-Americana. A importância do tema já é uma realidade mas para que as empresas o concretizem "o primeiro é criar ferramentas de gestão sustentáveis a nível corporativo para que a dinâmica aconteça", diz Rita Dias. Ou seja, a sustentabilidade acaba por arrastar-se a toda a cadeia de valor, grandes e pequenas empresas, fornecedores e clientes, premiando quem é amigo do ambiente.

A consciência para estar instalada: 57% da população considera que o impacto ambiental das empresas que recorrem aos bancos para se financiarem é um problema muito grave; 73% consideram a iliteracia financeira outro problema e 65% consideram que a transparência na publicidade dos bancos é também muito preocupante. Fica o aviso: 88% dos portugueses considera que o facto de o banco ter uma comunicação clara e transparente constitui um critério importante na hora de decidir e 79% afirma que o Estado deveria dar benefícios a quem compra aos bancos serviços sustentáveis.

Estas conclusões são para já pontos de partida do estudo — 'Banca e Seguros, Ambiente e Sociedade — Desafiar Mentalidades, Definir Novas Oportunidades de Negócio'.

ISABEL VICENTE
ivicente@expresso.pt

É preciso envolver todos

Em termos mundiais apenas 5% do dinheiro que circula pode estar coberto pelos princípios do equador, os restantes 95% não estão inseridos em nenhum princípio voluntário de sustentabilidade, afirma Sofia Santos.

Como se pode inverter este facto e de que forma podem os bancos contribuir para esta mudança é o grande desafio. "Os bancos são a peça central, o sector mais relevante para promover a sustentabilidade". E isto porque podem condicionar o comportamento do próprio mercado e conduzir a que a cadeia de valor — fornecedores, clientes particulares e empresas — ganhe com as suas práticas, distinguindo pela positiva quem opte por seguir critérios sustentáveis. Na base da pirâmide estão as empresas e as famílias, em cima os mercados financeiros, seguidos dos governos e no topo os mercados internacionais. Se os mercados financeiros responsáveis por garantir os investimentos das empresas e gerir as poupanças das famílias começarem por incluir factores ambientais e sociais na sua análise de risco, isso vai potenciar uma nova abordagem nos produtos financeiros. Esta dinâmica reflectir-se-á a diversos níveis: na concessão de crédito, taxas de juro e mesmo impostos, premiando quem siga critérios sustentáveis. Também os governos podem e devem distinguir pela positiva, através de legislação e incentivos.

Medidas impulsionadoras

Para incentivar os agentes existe uma multiplicidade de medidas que os governos poderiam tomar, tais como a redução da taxa do IVA e IRC em produtos que permitam uma diminuição do consumo de energia e água e políticas de incentivos fiscais para as PME que obtenham certificações ambientais. Definir objectivos sectoriais para implementação de boas práticas para cada sector industrial, Turismo e Construção. No sector financeiro definir um objectivo para que uma dada percentagem do produto bancário assente em sistema formais de gestão sustentável.